



**Fórum Estadual de Educação  
de Jovens e Adultos - SP**

# **VI SEMINÁRIO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

**“Políticas e práticas curriculares na  
Educação de Jovens e Adultos”**

**São Paulo, SP  
17 e 18 de agosto de 2012**

## Sumário

Apresentação.....	3
Propostas.....	4
1. Cultura.....	4
2. Educação e o mundo do trabalho.....	4
3. Educação dos privados de liberdade.....	4
4. Práticas pedagógicas e currículo.....	5
5. Currículo e material didático.....	5
6. Educação Inclusiva.....	5
7. Educação no campo, indígenas e quilombolas.....	6
8. Tecnologias da Informação e Comunicação e EJA.....	6
9. Avaliação e certificação.....	7
10. Políticas públicas, relações federativas e financiamento da educação.....	7
11. Formação e valorização dos/as educadores/as de EJA.....	8
Círculos de Discussão.....	9
Experiências.....	21

## **VI SEMINÁRIO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

### **“Políticas e práticas curriculares na Educação de Jovens e Adultos”**

#### **Apresentação**

Em 17 e 18 de agosto de 2012 aconteceu o VI Seminário de Educação de Jovens e Adultos de São Paulo, com o tema *Políticas e práticas curriculares na Educação de Jovens e Adultos (EJA)*. O evento, realizado na Faculdade de Educação da USP, São Paulo, SP, teve por objetivo discutir o currículo de EJA, com participantes que representavam os segmentos que compõem o Fórum Paulista de EJA: educadores/as, educandos/as, coordenadores/as pedagógicos/as, professores/as do ensino superior, gestores/as de escolas e das Secretarias Municipal e Estadual de Educação.

A abertura dos trabalhos contou com a participação do Prof. Dr. Mauricio Abdalla, da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), que abordou a temática relacionada ao Currículo de EJA, e da Profa. Dra. Lisete Arelaro, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), que deu destaque à importância da Educação Popular para a Educação de Jovens e Adultos.

Estiveram presentes 400 pessoas de diversos municípios do Estado de São Paulo, como: Alfredo Marcondes, Barueri, Botucatu, Campinas, Carapicuíba, Diadema, Embu das Artes, Francisco Morato, Guarulhos, Hortolândia, Iguape, Ilha Comprida, Itatiba, Lins, Mairiporã, Nova Odessa, Osasco, Presidente Bernardes, Presidente Prudente, Presidente Venceslau, Rancharia, Regente Feijó, Rio Claro, São Vicente, Santa Barbara D'Oeste, Santo André, Santos, São Bernardo do Campo, São Paulo, Tapiraí, Vinhedo. Também houve a participação de educadores/as de Belo Horizonte, MG, e de Salvador, BA.

A construção da proposta do seminário perpassou vários momentos de participação coletiva, como discussões em plenárias do Fórum para escolha do tema central, Currículo e Educação Popular na EJA, e dos temas que deveriam ser aprofundados nos círculos de discussão. Houve sistematização das discussões e das propostas elaboradas durante o seminário, posteriormente analisadas e aprovadas na plenária ordinária do Fórum, que aconteceu em 22 de setembro de 2012, na Câmara Municipal de São Paulo.

#### **Propostas**

## **1. Cultura**

- Discutir nos currículos das Universidades de Pedagogia o tema cultura na EJA.
- Realizar projetos interdisciplinares para garantir a integração do tema cultura.
- Realizar trabalhos voltados para a memória e valorização humana.

## **2. Educação e o mundo do trabalho**

- Discutir com a SETEC a regulamentação da formação inicial e básica, com condições de execução: financiamento prescrito no FUNDEB e possibilidade de articulação com os entes federativos.
- Solicitar ao Ministério revisão do PRONATEC nos seguintes aspectos: políticas de elevação com qualificação e reorganização do financiamento de modo a garantir repasses de recursos públicos para o que de fato é público.
- Propor às Universidades estudos da situação da educação profissional no país, com panorama e indicativos de formação dos/as educadores/as de EJA, articulando EJA e Educação Profissional.

## **3. Educação dos privados de liberdade**

- Apresentar ao Conselho Estadual de Educação projeto específico para a EJA Privados de Liberdade;
- Criar no Fórum de EJA um grupo de estudo e trabalho sobre o tema.
- Reivindicar a participação do Fórum no grupo gestor do Programa Estadual de Educação nas Prisões – PEP (programa instituído em 2011 pelo governo do estado).

#### **4. Práticas pedagógicas e currículo**

- Repensar o currículo da EJA pautado em uma concepção humanizadora e democrática.
- Flexibilizar o tempo e o espaço de acordo com a necessidade desse público.

#### **5. Currículo e material didático**

- Contemplar em seu conteúdo a diversidade étnica e cultural, aproximando-se da realidade dos/as alunos/as e colaborando com a construção de uma sociedade que abarque as diferenças e busque a redução da desigualdade.
- Considerar as condições dos/as educadores/as que irão trabalhar com seus materiais, orientando-os/as em relação às particularidades de seu público-alvo e buscando proporcionar a sua autonomia em relação ao livro.
- Realizar formação em serviço dos/as profissionais que atuam na educação de jovens e adultos, acompanhando o desenvolvimento de suas atividades e munindo o/a educador/a com fundamentação teórica e ferramentas didáticas que possibilitem a sua autonomia na relação ensino-aprendizagem em classe.

#### **6. Educação Inclusiva**

- Construir currículo flexível que atenda à diversidade e que signifique à pessoa com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação como sujeito de aprendizagem tanto na EJA quanto na educação profissional, especificando, em legislação própria, orientações voltadas ao trabalho cotidiano, estratégias, recursos, materiais e meios de atender as necessidades educacionais de todos/as os/as alunos/as envolvidos/as no processo educativo.

- Realizar formação continuada para educação inclusiva, com foco na EJA. Os governos devem se responsabilizar pela formação, garantindo que ela seja ofertada no horário de trabalho para todos/as profissionais envolvidos/as no processo educacional.
- Realizar oferta contínua de cursos específicos para profissionais que tenham interesse e necessidade, tais como educação física adaptada, braile, libras, tecnologia assistiva, entre outros.

#### **7. Educação do campo, indígenas e quilombolas**

- Discutir, nos Fóruns de EJA, a educação do campo para os povos indígenas e quilombolas.
- Incluir a temática da educação do campo nas políticas públicas.
- Realizar pesquisas nas universidades, gerando teses e denúncias das ações inadequadas.

#### **8. Tecnologias da Informação e Comunicação e EJA**

- Realizar formação inicial dos/as professores, no âmbito conceitual, político e prático das relações entre EJA e Tecnologia.
- Realizar formação permanente, pautada por uma perspectiva crítica e emancipadora de educação, para o (re)conhecimento das tecnologias e do seu uso pedagógico e político.
- As tecnologias, sejam elas TICs ou não, devem estar presentes no currículo, tal qual qualquer outro recurso, quando contempladas em um projeto e plano pedagógico do/a alfabetizador/professor, a partir dos objetivos que se pretende alcançar.

#### **9. Avaliação e certificação**

- Estados e Municípios devem elaborar, com apoio técnico e financeiro da União, processos avaliativos da educação de pessoas jovens e adultas de modo a produzir dados e diagnósticos desses sujeitos e das políticas públicas dessa modalidade.
- Poderes públicos devem apoiar profissionais da educação na elaboração de processos de requalificação ou certificação no nível da escola.
- Coordenadores/as municipais e estaduais de educação de pessoas jovens e adultas precisam fomentar localmente os debates curriculares dessa modalidade. O currículo e a oferta de EJA devem, portanto, dialogar com as realidades locais em que a modalidade é ofertada e com as expectativas dos diferentes sujeitos envolvidos, oferecendo a maior diversidade de percursos educativos formais e não-formais, inclusive em articulação com as políticas de certificação de conclusão de escolaridade via exames.

#### **10. Políticas públicas, relações federativas e financiamento da educação**

- Aprofundar a discussão sobre regime de colaboração, destacando o diálogo com o Estado sobre a inserção dos dados no censo escolar; a garantia da continuidade dos estudos dos/as alunos/as e a agenda territorial.
- Trazer nas plenárias do Fórum as experiências exitosas realizadas pelos municípios.
- Realizar acompanhamento do financiamento e controle social dos gastos pelos/as educadores/as e gestores/as.

#### **11. Formação e valorização dos/as educadores/as de EJA**

- Garantir nos espaços formativos a realização de encontros específicos de EJA com dispensa de ponto, criação de um calendário de atividades

específicas da modalidade e da continuidade das ações nas mudanças de gestão.

- Construir e qualificar a formação como espaço de constituição de vínculos humanos significativos, com reconhecimento dos saberes docentes e superação da distância entre o/a formador/a e o educador/a, entre o/a educador/a e o/a educando/a e entre as universidades, escolas e movimentos sociais de educação.

## **Círculos de Discussão**

Como forma de aprofundar os debates e contribuir para a elaboração de propostas, foram previstos 13 Círculos de Discussão, sobre os seguintes temas: Cultura; Alfabetização; Educação e o Mundo do Trabalho; Educação dos Privados de Liberdade; Práticas Pedagógicas e Currículo; Juventude e EJA; Currículo e Material Didático; Educação Inclusiva; Educação do Campo, Indígenas e Quilombolas; Novas tecnologias na EJA; Avaliação e certificação; Políticas Públicas, Relações Federativas e Financiamento da Educação; e Formação e Valorização dos Professores. Abaixo

seguem as sistematizações dos conteúdos debatidos, com as exceções dos círculos “Alfabetização” (não a concluiu) e Juventude na EJA (não realizado).

## **1 – Cultura**

A discussão realizada no Círculo Cultura centrou-se nas dificuldades de se incorporar, no currículo, as diversidades culturais, étnicas, raciais, de gênero e geracionais. Há experiências de trabalhos com a cultura das regiões de origem dos/as alunos/as, em que se ressalta a importância de valorizar a diversidade que existe em sala de aula. Dentre ações necessárias para a superação dessas dificuldades, foram destacadas:

- a. Resgate da memória dos alunos mais velhos, trazendo o respeito entre os alunos de faixas etárias tão diferentes. Para isso, pode-se trabalhar com trocas de experiências para agregar o grupo. É importante que a escola trabalhe a questão do conflito de gerações.
- b. Garantir formações específicas para professores que irão trabalhar com o público da EJA. Devem ser realizados encontros contínuos de formação de educadores/as e troca de experiências nesse campo. A escola deve pensar na relação entre educação, trabalho e cultura.
- c. Cultura na EJA deveria ser discutida dentro dos currículos das graduações em pedagogia.
- d. É preciso desenvolver trabalhos voltados para o Resgate da Memória e Valorização Humana
- e. b) considerar a cultura dos/as educandos/as nos cursos de EJA, a partir da origem territorial de cada pessoa, na sistematização dos conhecimentos que trazem, de forma que lhes permita aprofundar o significado desses conhecimentos.
- f. c) desenvolver trabalho com artes levando em conta as experiências e expectativas tão diferentes desses educandos/as.

## **2 – Educação e o mundo do trabalho**

Em virtude da estreita relação entre a EJA e o mundo do trabalho, não é possível, na definição do currículo para essa modalidade de ensino, ignorar tal dimensão da vida dos/as educandos/as jovens e adultos. A articulação da EJA

com o mundo do trabalho é complexa e desafiadora, porém necessária e possível.

A partir das discussões, foi possível concluir que as possibilidades dessa articulação ocorrer se dão quando se recupera o conceito ontológico do trabalho: trabalho como toda produção humana e como processo educativo que transforma o homem, a mulher e a natureza. Nesse caso, torna-se possível compreender as possibilidades do trabalho não como um campo de competição, mas sim de cooperação, de transformação. E explicita-se a diferença entre trabalho e emprego. O trabalho, compreendido nessa perspectiva, é político, é educativo e enriquece significativamente o currículo.

Foi destacada a importância de se atuar segundo os preceitos da Educação Popular freiriana, que pressupõem a participação, o diálogo e a práxis, pensando na Educação ao longo da vida, que tem de considerar a cultura social, a ciência e o trabalho para a formação integral do sujeito.

A introdução na EJA das práticas da economia solidária, ressaltando as possibilidades educativas do desenvolvimento dessas práticas dentro de uma sociedade capitalista marcada pelo individualismo e pela competição, pode contribuir para a integração entre Educação e o Mundo do Trabalho.

O desafio apontado foi que Educação Profissional é uma das possibilidades da Educação de Jovens e Adultos e que é preciso compreendê-la no âmbito de uma educação integral e não reduzi-la a atividades de treinamento de uma determinada técnica. Deve incluir a dimensão tecnológica (gestão de recursos, tempo, espaço), a da saúde do trabalhador; a da cultura; a dimensão política e a dimensão ética.

Ao analisar o cenário das políticas públicas, ressaltou a necessidade de se ter uma política de Estado em todas as etapas da Educação Profissional e de se garantir a lógica da continuidade.

#### **Círculo de discussão 4 - Educação dos/as privados de liberdade**

A discussão partiu da apresentação de um panorama do sistema prisional do estado de São Paulo, com o objetivo de demonstrar, em linhas gerais, o campo de atuação e os desafios que se apresentam à educação neste contexto. Desse modo, as pessoas participantes deram suas contribuições considerando sua atuação ou aquilo que conheciam sobre educação no contexto prisional, com a expectativa de subsidiar as propostas de ação do Fórum em relação ao tema.

A partir da discussão foram elaboradas quatro propostas de ação:

- a. O Fórum deve atuar no sentido da criação de um órgão ou instância no âmbito da Secretaria Estadual de Educação – SEE responsável pela EJA Privados de Liberdade. Para isso, propõe-se como estratégia: buscar apoio político de vereadores e deputados estaduais, para junto com o Fórum pressionarem a SEE; e criar um documento demonstrando a realidade da educação para privados de liberdade e a proposta do Fórum de criação dessa instância.
- b. Apresentar ao Conselho Estadual de Educação projeto/proposta específica para a EJA Privados de Liberdade;
- c. Criar no Fórum de EJA um grupo de estudo e trabalho sobre o tema. Para isso, deve-se buscar apoio de pesquisadores/as e estudar a legislação pertinente.
- d. Reivindicar a participação do Fórum no grupo gestor do Programa Estadual de Educação nas Prisões – PEP (programa instituído em 2011 pelo governo do estado).

### **Círculo de Discussão 5 - Prática pedagógicas e currículo**

Foi discutida a necessidade de uma proposta curricular adequada à especificidade política e pedagógica da Educação de Jovens a Adultos, que considere o aluno em suas histórias de vida, experiências, vivências e culturas, de modo que a organização dos saberes vá ao encontro de uma educação transformadora que busca uma sociedade mais democrática, mais solidária e justa. E que considere também as diversas demandas concretas dos sujeitos jovens e adultos, com um currículo não excludente e alinhado às especificidades dos diferentes tempos de vida, capaz de promover a inclusão de alunos/as com deficiência de modo a permitir a descoberta dos limites próprios e dos limites do outro.

Partindo de uma prática pedagógica inovadora, no contexto público – a contextualização da EJA no CIEJA Campo Limpo – a discussão objetivou a construção de uma concepção orientadora das práticas pedagógicas com a EJA, que possa contribuir para a elaboração de um currículo para a EJA. A prática discutida salientou o fato de contar com professores/as que pensam, pesquisam e congregam esforços para a elaboração de práticas curriculares próprias para a EJA e apontou o desafio de atrair o público para a escola.

A alternativa em curso tem sido a fuga da proposta da escola regular, trazendo o acolhimento para a comunidade escolar num projeto de escola aberta, fundamentada por uma concepção de educação que tem como pressuposto a construção autônoma da trajetória formativa: a educação se dá ao longo da vida. Com isso, o vínculo estabelecido no contexto escolar garante a permanência dos/as alunos/as na escola.

### **Círculo de Discussão 7 - Currículo e material didático**

A autonomia do/a professor/a em relação ao material utilizado em sala é fundamental para que ele/a possa adaptá-lo e complementá-lo, atendendo às situações de ensino e aprendizagem e à realidade de sua turma, aspectos que não podem ser previstos na produção dos livros. Requer-se, portanto, uma formação docente sobre os materiais didáticos. Ademais, os livros devem contemplar orientações pedagógicas, trabalhando o respeito, a credibilidade e o desenvolvimento da autoestima e autonomia do/a aluno/a.

Dadas as limitações do tempo de curso, o conteúdo do currículo deverá ser redimensionado, assim, as escolhas dos recortes que comporão o material didático devem ser relacionadas às competências que os/as alunos/as deverão desenvolver em determinado módulo. Mesmo com os limites mencionados, o material não deve se furtar do papel de disseminador de cultura, tanto a tradicional como a periférica. Ressalta-se a importância da valorização de toda a diversidade étnica como integrante e formadora do contexto sociocultural brasileiro.

Para a produção de um material adequado ao público, deve-se trabalhar também o uso e leitura de imagens, buscando um visual agradável e que desperte os sentidos do/a aluno/a para os temas abordados. E sempre que possível, deve sugerir abordagens participativas, com respeito à experiência e ao conhecimento dos/as alunos/as em cada apresentação didática.

É fundamental que se estimule a autonomia do/a aluno/a através de um material que dialogue com sua realidade, sugerindo atividades e outras fontes que possibilitem o aprofundamento do conhecimento de forma ativa. Recomenda-se ter o mundo do trabalho como um dos eixos temáticos, não em caráter profissionalizante, mas explorando o assunto de forma conscientizadora e também prática, de um ponto de vista mais amplo. Inclusive auxiliando na compreensão da situação de desemprego sem o estigma da culpa. Assim, os

assuntos devem ser atrativos e trazer opções de atividades, relacionando as competências com vertentes técnicas do conhecimento que estão presentes na vida profissional dos/as alunos/as.

É importante também abarcar, de forma parcial e equilibrada, as opções de métodos tradicionais de ensino, com os quais o público alvo se identifica e muitas vezes desenvolve melhores resultados. A boa medida entre a construção de conhecimento e o respeito aos anseios dos demandantes da educação de jovens e adultos é fundamental para a manutenção das turmas e cursos, e com isso deve ser dimensionado o material didático.

### **Círculo de discussão 8 - Educação Inclusiva**

O círculo discutiu os desafios e possibilidades da Educação Inclusiva. Quanto aos desafios, foram discutidos como: realizar a formação dos/as profissionais; efetivar a inclusão na Educação Profissional; garantir a continuidade do trabalho quando o/a estudante muda de escola; flexibilizar o currículo para facilitar o atendimento, com construções novas ou inovadoras que permitam conhecer a história de vida do/a estudante, com vista à família, e que não fique preso a conteúdos pré-programados que nem sempre atendem às reais dificuldades.

Quanto às possibilidades, sugeriu-se que: a tecnologia seja aproveitada para agilizar o conhecimento; a proposta curricular congregue políticas intersetoriais que desenvolvam projetos coletivos para o atendimento aos/às estudantes e políticas educacionais específicas; a prática de debate e compartilhamento de experiências sobre atendimento; a busca de formas de ensino que promovam processos de aprendizagem para além do ambiente escolar.

Discutiu-se, por fim, a escola que, algumas vezes, segrega ainda mais que o ambiente social de convivência do/a estudante. E ressaltou-se o fato de a sala disponibilizada para este Círculo de Discussão não ser acessível.

### **Círculo de discussão 9 - Educação do campo, indígenas e quilombolas**

Tendo como foco a Educação do Campo, o grupo discutiu algumas questões relacionadas a essa especificidade na EJA, assumindo ser um tema extremamente complexo, no qual ainda há muito que aprender, pois o conceito de Educação do Campo é novo, tem menos de dez anos e está acoplado com as

lutas e conquistas do campo. Portanto, as questões discutidas estão indissociavelmente ligadas às lutas sociais. A luta pela terra promovida pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) também está vinculada à luta pela educação. Hoje a perspectiva é a luta pela sobrevivência dos/as assentados/as, dos/as quilombolas e dos/as indígenas. E a Educação do Campo, por sua vez, está atrelada a esse contexto. A Via Campesina (composta por pequenos/as produtores/as) tem em vista essas mudanças no campo. A realidade dentro dos assentamentos (o avanço do capital, o processo de exclusão) é a realidade da Educação do Campo, que não pode ser pensada fora do contexto da Reforma Agrária.

O povo do campo sofre todo tipo de discriminação e preconceito. O discurso de muitos dirigentes é de que os/as jovens não vivem mais com os pais e também há ônibus que os/as levam para as escolas nas cidades, por isso não seria necessário que houvesse construção de escolas no campo. A insuficiência de transporte é o problema central; muitos/as filhos/as de assentados/as passam a viver com seus parentes nas cidades. A responsabilidade pela falta de transporte, geralmente, recai sobre o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária).

Segundo o Projeto Território e Cidadania, os locais que apresentam os Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) mais baixos são: Vale do Ribeira e Pontal do Paranapanema. As terras do Pontal são todas devolutas e a grilagem ainda persiste. Os/as camponeses/as sempre questionam por que não têm direito à Educação. Os problemas sempre são: insuficiência de escolas, transporte e investimentos. Muitos programas estagnam; não atendem às reais necessidades da população.

Reconhecendo que a educação está em todo lugar – “onde há ação, há educação”, segundo Paulo Freire – o círculo reivindica que a qualidade da educação existente nas escolas urbanas deve existir também nas escolas rurais. O PRONERA (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária) foi instituído em 1998, no entanto as expectativas não foram alcançadas. Sempre as mesmas mazelas da EJA: insuficiência de educadores/as, locais inadequados. O PRONERA não atende somente a jovens e adultos. A efetivação das propostas está muito longe de ocorrer. Mas o PRONERA modificou-se bastante desde 2000 e tem avançado bastante, com uma estrutura muito parecida com a do MOVA (Movimento de Alfabetização de Adultos). O Projeto de Classe está vinculado ao processo de Educação Popular.

## **Círculo de discussão 10 - Tecnologia da Informação e Comunicação**

Este círculo teve por objetivo refletir acerca do tema das “novas tecnologias” e educação de jovens e adultos e socializar experiências dos municípios presentes. A tecnologia, em especial, aquela conhecida por tecnologia da informação e da comunicação, tem feito parte do cotidiano de todos os seres vivos. Alfabetizadores/as e alfabetizados/as veem-se desafiados/as a usar criticamente as tecnologias, e como ferramenta pedagógica e de transformação social.

Em uma perspectiva crítica, o acesso aos meios de produção do conhecimento, bem como a alfabetização tecnológica, tem sido entendida como um direito, enfrentando os limites institucionais da educação formal, e o analfabetismo político-tecnológico advindo da própria formação destes atores.

A discussão partiu da problematização do termo tecnologia, que vai além do uso da informática, e ressaltou a importância da interação da escola com a realidade em que está inserida. Além disso, a adjetivação "nova" refere-se à renovação, à criação, característica intrínseca do ser humano e do/a educador/a. Assim, é preciso questionar se apenas a posse das técnicas, do manejo, do uso prático é suficiente para garantir a cidadania dos sujeitos. Ou além do domínio das técnicas precisaríamos da criticidade diante dessas tecnologias? Houve concordância de que apenas saber utilizar máquinas e aparelhos pode aprisionar ao invés de libertar.

Nesse sentido, o Círculo de Discussão apontou que mesmo dentro de uma universidade pública há utilização de software privado, o que explicita as contradições neste campo. Como forma de superar tais limites, um educador citou pesquisa que está desenvolvendo com software público com seus educandos (Portal do Software Público - [www.softwarepublico.gov.br](http://www.softwarepublico.gov.br)). Assim, é preciso pensar na informática como recursos, meios, instrumentos e não como fim em si.

De que forma essas tecnologias podem contribuir para a formação de jovens e adultos críticos? Essa formação, na perspectiva debatida, deve ser somente instrumental ou estar atrelada intrinsecamente à sua dimensão política? Nossos/as alfabetizadores/as se apropriaram criticamente dessas tecnologias? Elas são utilizadas como ferramentas para fins pedagógicos? A universidade forma os professores politicamente e tecnologicamente para isso?

Para muitos, a sala de informática na escola ainda é um lugar sagrado, de difícil acesso. E mesmo quando há disponibilidade para estudantes do ensino regular, na EJA só agora há alguma abertura.

As pessoas participantes do Círculo destacaram ainda que a apropriação das tecnologias está muito ligada ao domínio técnico das ferramentas, e não ao aspecto pedagógico. Além de não haver formação, existe resistência em aceitar as novas tecnologias, com acomodação em práticas tradicionais. Muitas vezes, profissionais da educação não reconhecem, no seu cotidiano, as potencialidades das tecnologias da informação e da comunicação, o que dificulta uma socialização de suas possibilidades. Disto decorre a necessária formação na temática e disponibilização de materiais e guias tecnológicos. E é preciso garantir formação dos/as professores/as em relação ao mundo da tecnologia para além das exigências do mundo do trabalho, tornando-se possível a reflexão sobre seus diferentes usos.

### **Círculo de discussão 11 - Avaliação e certificação**

Para contribuir com o debate, houve a distribuição de dois materiais: a Carta Aberta entregue ao Ministro da Educação em 2006 com o posicionamento dos Fóruns Estaduais de EJA sobre o ENCCEJA; e as matrizes de competências e habilidades do ENCCEJA e do ENEM.

A maioria das pessoas presentes não conhecia o ENCCEJA, tendo sido necessário prolongar a apresentação sobre as políticas federais de certificação de escolaridade via exames. A discussão centrou-se fundamentalmente na possibilidade de esvaziamento dos cursos de EJA em caso de ampla divulgação do ENCCEJA e da certificação pelo ENEM. Devido à urgência frente ao mercado de trabalho, o certificado ganha muito mais peso e valor em relação ao ensino presencial, o que, conseqüentemente, levaria a uma troca das aulas de EJA pelas avaliações do Governo Federal.

Estas questões suscitaram o debate sobre os efeitos das políticas de avaliações certificadoras e, dentre os apontamentos surgidos no círculo, falas sobre a desvalorização da educação e a potencialização de uma “cultura anti-escola” sinalizavam posições contrárias aos exames de certificação. No caso do ENEM, a possibilidade de candidatos/as obterem a certificação de ensino médio sem ter completado o ensino fundamental acaba por torná-lo uma alternativa muito atraente para os/as alunos/as. A maioria dos/as presentes concordou que os exames “tiram os alunos da escola”. Foi apontada, ainda, a falta de seriedade

com que o ENCCEJA vem sendo conduzido, uma vez que a intermitência do exame faz com que as pessoas nele inscritas tenham de esperar durante meses até que as provas sejam realizadas.

Ao mesmo tempo, levantou-se a possibilidade de o ENCCEJA ser importante enquanto avaliação do sistema de ensino: tendo em vista que os Estados já possuem exames de certificação, esta não seria a principal contribuição que o exame nacional poderia oferecer, mas poderia contribuir ao diagnóstico sobre o sistema de Educação de Jovens e Adultos. De forma próxima, os relatos de experiência trazidos por gestores apontaram o quanto o objetivo certificador do exame pode ser esvaziado quando políticas que permitem condições de acesso e manutenção das pessoas na EJA são colocadas em prática. Nesse sentido, sendo garantidas as condições para as pessoas frequentarem bons cursos de EJA, a certificação por exames deixa de ser interessante para muitas dessas pessoas.

Apontou-se ainda que o oferecimento de várias iniciativas não concorre com a oferta presencial de EJA. Foi relatada a existência de vários casos em que o/a aluno/a consegue a certificação de um nível de ensino, mas quando decide dar prosseguimento à escolarização percebe que não detém os conteúdos necessários para acompanhar a nova etapa, de modo que retornam à escola para frequentar as aulas como ouvintes.

## **Círculo de discussão 12 – Políticas públicas, relações federativas e financiamento da educação**

Os objetivos propostos desse círculo foram discutir: o regime de colaboração entre as esferas federal, estadual e municipal de governo; a sua efetivação no Estado de São Paulo para garantir o direito à educação das pessoas jovens e adultas; o financiamento da Educação; os programas para a EJA; e a efetividade da realização da agenda territorial no estado.

Para garantir o direito à educação das pessoas jovens e adultas não basta realizar processo de matrículas. Além de trazê-las para a escola, é necessário garantir a continuidade dos seus estudos. Para isso, gestores/as dos municípios que estavam presentes no seminário relataram as ações realizadas para atingir esses objetivos: pesquisa nas escolas para levantar a localização da demanda;

campanha para buscar novas parcerias e fortalecer as existentes; atividades esportivas e culturais específicas para esse público; divulgação na mídia das atividades realizadas; divulgação por meio de cartazes e fôlderes da abertura das matrículas; oferecer educação a distância; realizar matrícula a qualquer tempo; discutir uma organização curricular que atenda às necessidades desse público; garantir vagas em escolas próximas à residência dos/as alunos/as ou garantir transporte; articulação com o Estado para garantir a continuidade dos estudos; ofertar EJA em horários alternativos.

Apesar dessas ações, algumas pessoas apontaram as dificuldades para atingir os objetivos propostos, como: as escolas que atendem aos/as assentados/as estão localizadas na cidade, e isso dificulta a frequência, pois não é oferecido o transporte; há um descompromisso da rede estadual com a continuidade dos estudos de pessoas jovens e adultas; e a nucleação das escolas baseada na racionalidade administrativa muitas vezes não atende às necessidades desse público.

Em relação ao tema Financiamento da Educação, houve foco no Fundeb, que tornou evidente a dificuldade dos/as gestores/as em conhecer a aplicação do recurso desse Fundo para a EJA, além da pouca participação nos conselhos de acompanhamento de financiamento. Outro elemento importante que perpassa a questão do financiamento é a definição de prioridades pela gestão entre as diferentes modalidades da Educação Básica: creches, Ensino Fundamental, EJA.

Os programas oferecidos pelo Ministério da Educação para o público de EJA, articulados com o mundo do trabalho, são: PROEJA - Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade da EJA; PRONATEC - Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico, que tem como objetivo ampliar a oferta de cursos e educação profissional; PRONACAMPO - Programa Nacional de Educação do Campo, que está organizado em quatro eixos: gestão e práticas pedagógicas; formação de professores; Educação de Jovens e Adultos e Educação Profissional e Tecnológica.

A oferta desses vários programas, além do Brasil Alfabetizado, indica a continuidade da pulverização das ações pelo Ministério da Educação. Essa prática dificulta o conhecimento e o acesso dos municípios e estados aos programas. Além disso, dificulta a consolidação de uma política nacional para a EJA. Outro elemento que pode ser observado nesses programas é o viés profissional, tema abordado pelo Círculo de discussão 3 e que necessita de

aprofundamento. Finalmente, a última questão debatida referiu-se à Agenda Territorial, com objetivo de informar as pessoas participantes sobre o tema, bem como discutir a dificuldade de sua efetivação no estado de São Paulo e seus limites. Foi proposto que os Conselhos Municipais de Educação devem participar da discussão da Agenda Territorial.

A partir dos debates, foram apontados como desafios para o Fórum Paulista de EJA na construção de um novo currículo para EJA:

- Dar visibilidade às experiências exitosas para ajudar a se pensar em uma nova proposta curricular.
- Aprofundar a discussão sobre concurso público específico para EJA.
- Retomar a discussão sobre o tema Financiamento.
- Aprofundar a discussão sobre regime de colaboração: regulamentação.
- Assumir a participação nos conselhos municipais e estaduais.
- Apoiar o PL 108, que propõe uma democratização no processo de indicação dos membros do Conselho Estadual de Educação.

O grupo apontou ainda a necessidade de discutir a temática da evasão, com destaque para o ensino médio; currículo e política pública.

### **Círculo de discussão 13 – Formação e valorização dos educadores de EJA**

A discussão do círculo se deu a partir de duas questões balizadoras: o que entendemos por valorização? Qual a relação entre valorização e formação?

As participações deram ênfase na formação continuada dos/as trabalhadores/as da educação e evidenciaram que sua oferta tem se dado por meio de ações exclusivas das secretarias de Educação. Muito se falou sobre as maneiras como as cidades de São Bernardo do Campo, Santos, São Paulo e Guarulhos têm colocado em prática a formação permanente dos/as educadores/as, tanto nos horários reservados na jornada de trabalho para a preparação do docente (que tem diferentes denominações e siglas, de acordo com o município) como em eventos específicos de formação. Pouco foi falado sobre o que acontece em espaços não-escolares.

A discussão girou em torno das principais dificuldades na construção desse tipo de formação, buscando-se relacioná-la com o sentido de valorização do trabalho docente, entre elas destacam-se:

- Evasão como um reflexo do que não acontece em sala de aula.
- Baixo nível de interesse do professorado para atuar na EJA: mesmo em cidades onde são realizados concursos públicos para contratação de professores/as específicos para EJA, cerca de metade dos/as nomeados/as não assume e entre aqueles/as que assumem são raros os casos em que se observa o apreço pela modalidade.
- O desencanto dos/as educadores/as construído culturalmente pela inculcação de um sentimento de inexistência, impotência, insignificância, incapacidade, conforme alerta Boaventura de Sousa Santos, sobre o perigo da cultura do desmantelamento do humano, com conseqüente desvalorização do trabalho docente numa sociedade capitalista que atua para que a gente se sinta impotente, incapaz.
- Construção da identidade dos/as professores/as de EJA.
- Equilíbrio entre competência técnica e compromisso político.
- Definição das finalidades da formação: para incluir no sistema capitalista ou alguém que vive na comunidade solidariamente com o objetivo de estar com o outro?
- Formadores/as também não foram formados para atuar com EJA.
- Resistência para romper paradigmas e dialogar entre as disciplinas.
- Aproximação entre os indivíduos responsáveis pela organização e mediação dos espaços formativos e os/as professores/as que frequentam esses espaços, principalmente quando os/as coordenadores/as são escolhidos/as entre pares e há uma rejeição, por parte de professores/as, de ser formado/a pelo/a colega.
- Garantia da conquista da formação em serviço, como um espaço de troca de experiências e saberes, muitas vezes desvirtuado para a execução de outras atividades.
- Estabelecimento de um calendário de formação específica para EJA, com garantia de dispensa de ponto.
- Continuidade da formação pedagógica em situações de descontinuidade do corpo docente, pois um dos problemas da EJA é o nomadismo dos/as educadores/as, que são sujeitos a alterações e complementações de jornada, mudança de sede de exercício docente, além dos fechamentos de sala de EJA.
- Mudança do perfil tradicional do/a educando/a da EJA, o que tem exigido o estudo de relações intergeracionais, direitos humanos, metodologia e

currículo.

- Diversidade de horários e formatos de horário de trabalho pedagógico coletivo dificulta o contato entre os/as professores/as, e entre esses/as e a coordenação.
- Construção de um modelo formativo no qual o/a professor/a seja autor da própria formação.

## **As experiências**

Durante o seminário, foram também apresentadas 27 experiências, representando a diversidade do trabalho realizado pelos/as educadores/as e gestores/as da EJA das cidades e estados participantes. As experiências foram organizadas em quatro eixos: Políticas Públicas, Práticas Pedagógicas, Formação do Educador e Fronteiras do direito à educação de adultos.

### **A. Políticas Públicas**

1. Campanha SEJA da EJA. Autoras: Ana Claudia da Silva Felix e Ligia Maria Di Bella Costa Monteiro.

Local: Santos

Público-alvo: Educandos/as da EJA

A Secretaria Municipal de Educação de Santos analisando os dados de acesso e permanência dos alunos da EJA entre os anos de 2008 e 2010 verificou um decréscimo nas matrículas. Esses indicadores levaram a Seção de Educação de Jovens e Adultos - SEJA, a propor uma política de incentivo para atrair esse público para escola. Foi assim que surgiu a Campanha SEJA da EJA que tem como meta aumentar a procura pela Educação de Jovens e Adultos, fortalecer parcerias existentes, e firmar novas parcerias.

O evento realizado em abril de 2010 pela Secretaria da Educação teve com objetivo convidar os empresários e presidentes dos clubes da região para serem parceiros da educação. A Secretaria se colocou à disposição para abrir classes de alfabetização em obras, empresas ou comunidades apontadas por esses segmentos. A SEDUC Santos disponibiliza o professor e o material e os interessados oferecem o espaço, convidam e facilitam o comparecimento desse público às aulas.

Com a produção de folder e cartaz, os locais onde já existem postos de alfabetização e escolas que mantêm a EJA são divulgados nos mais diferentes espaços da cidade.

Para os profissionais diretamente envolvidos foram confeccionadas camisetas com o slogan da campanha o que serve de propaganda volante.

Uma carta aberta da Secretária de Educação endereçada aos pais dos alunos da rede municipal e munícipes conclama-os e a seus parentes e amigos a retornarem à escola e concluírem seus estudos. Como resultado desde o início de 2011, conseguimos um aumento no número de matrículas e permanência dos alunos nesse segmento e agora no primeiro semestre de 2012 uma elevação de 340 alunos.

2. Política Pública de EJA integrada à Educação Profissional. Autores: Miriam Capitanio Macagnani, Terezinha Siraque, Edinélio Jesus dos Santos e Ada Antônia dos Santos.

Local: EJA e Educação Profissional, São Bernardo do Campo, SP

Público-alvo: educandos/as de EJA.

O presente trabalho trata da política pública de EJA integrada à Educação Profissional, a apresentação contará com uma abertura que explicará o perfil da política de atendimento em SBC. Em seguida, como forma de concretização da possibilidade de efetivação do currículo integrado, a reflexão se dará por uma prática pedagógica em que a educadora apresentará sua didática, contextualizando os preceitos da formação integral.

Esse trabalho didático foi desenvolvido em São Bernardo do Campo, no ano de 2012. A EJA está articulada à Educação Profissional, numa perspectiva de formação integral em oito eixos tecnológicos: Alimentação, Costura, Meio Ambiente, Saúde, Marcenaria, Construção Civil, Informática, Imagem Pessoal. Essa concepção de formação integral se faz numa reflexão crítica em que o trabalho e Educação se articulam.

Para a articulação se efetivar nos propósitos da formação integral, a organização do currículo se faz por eixos do conhecimento sendo esses: Cultura e Trabalho, Meio Ambiente, Linguagens, Memória e Territorialidade.

O exercício da ação educativa se faz entre base comum e base diversificada, o que constitui uma carga horária de 1400h.

O projeto didático apresentado ocorreu com uma turma de EJA das séries iniciais do Ensino Fundamental. A turma composta de dezoito educandos e educandas

estuda no período da manhã, possibilitando tanto a sua elevação da escolaridade quanto à qualificação, que nesse caso o eixo tecnológico escolhido foi construção civil.

Essa política pública está atrelada a outra maior que é a inclusão de pessoas para ação de trabalho e educação.

Nessa organização de currículo foi desenvolvido um trabalho com o projeto: “Homens e Mulheres na construção do mundo e construção de si”. Nesse trabalho, foram articulados os eixos do conhecimento: Memória e Territorialidade e as Linguagens. A intenção era desenvolver conhecimento dos tipos das moradias e as suas estruturas num contexto histórico, dentro de territórios, para poder entender o perfil das edificações atuais.

Na discussão desse conhecimento, trabalhamos Linguagem da Matemática, Território, Oralidade, Escrita e os conceitos da Construção Civil no curso de Alvenaria.

## **B. Práticas pedagógicas**

1. Passos e Compassos da Nossa História – FESTEJA -2012. Autoras: Rita Nascimento e Iva Passos. Professoras Colaboradoras: Adriana Campos e Sandra Pereira.

Local: Escolas da Rede Municipal de Santos/SP

Público Alvo: Educandos/as da EJA

O PROJETO “Passos e Compassos da Nossa História” – FESTEJA-2012 tem como objetivo principal contribuir para o acesso à arte estimulada a partir de experiências vivenciadas pelos alunos da EJA, por meio de diversas linguagens artísticas, tendo como tema orientador o Centro Histórico de Santos e a pesquisa sobre a História do Teatro. A escola, enquanto espaço formal privilegiado para o desenvolvimento de cidadãos, pode propiciar o contato com o universo artístico e suas linguagens: arte visual, teatro, dança, música e literatura.

O projeto iniciou com formação para os professores de arte das escolas envolvidas. Durante a formação foram selecionados quatro pontos históricos para serem pesquisados e o resultado foi apresentado por meio de colagem, foto e vídeo.

Dentre as escolas de EJA (dezessete no total), treze pesquisaram o Centro Histórico e desenvolveram trabalhos de arte com colagem sob a orientação dos professores de arte. Também produziram fotos e vídeos durante os estudos do meio monitorados pelos professores envolvidos no projeto. Quatro escolas construíram de forma integrada, um espetáculo sobre a História do Teatro, sob a orientação das coordenadoras do projeto, utilizando as linguagens da dança, música e teatro.

O produto final do projeto será uma apresentação teatral dos alunos no Teatro Coliseu, um dos locais visitados e estudados durante o projeto, onde ocorrerá, simultaneamente, exposições no foyer com colagens, fotos e vídeos.

2. “Eu conto, tu contas... Histórias para quem tem história”. Autora: Maria Lídia de Moraes Pinto

Local: Diadema e Embu das Artes, SP.

Público-alvo: professores/as e educadores/as da EJA

A pesquisa “Eu conto, tu contas... Histórias para quem tem história” foi desenvolvida com educandos e professores da EJA - Educação de Jovens e Adultos. De natureza qualitativa, a pesquisa procurou verificar quais as contribuições da arte de contar histórias para o processo de ensino-aprendizagem desta modalidade de ensino. Para tanto, buscou referências em autores relacionados tanto a práticas e teorias de ensino como à arte de contar histórias: Shulman, Mizukami, Freire, Fromm, Haddad, di Piero, Bettelheim, Bosi, Machado, entre outros. Foi realizada também uma intervenção com histórias que abordou desde o próprio ato de contá-las, passando por questões de formato até a sua relação com o ensino e a vida. Esse processo se deu através de encontros com duas turmas da EJA. A metodologia utilizada para a análise foi o estudo do material de registro feito em fotos, DVD, produção escrita e observação direta dos encontros. Nos resultados, buscou-se observar aspectos das relações estabelecidas entre os diversos membros dos grupos, principalmente professores e educandos, e também suas relações com conceitos e ideias que permeiam os atos de ensinar e aprender.

3. EJA Modular - EMEF Cândido Portinari. Autora: Maria de Lourdes Pereira de Oliveira

Local: São Paulo, SP

Público-alvo: professores/as e educadores/as da EJA

Projeto para atender melhor a EJA visando diminuir a evasão e retenção dos alunos matriculados nesses cursos e quando de seus retornos à escola, não há a necessidade de repetir conteúdos programáticos já concluídos. São quatro módulos de Língua Portuguesa (50 dias letivos com 03 h/a por dia); Arte e Língua Inglesa, Matemática e Ciências; História e Geografia (25 dias letivos com 03 horas aula por dia).

Com o objetivo de ampliar o universo cultural e complementar a escolaridade do aluno, o enriquecimento curricular, parte integrante da matriz curricular, de frequência facultativa para o aluno e de oferta obrigatória pela escola, é composto por dois módulos, num total de 10 horas aula semanais.

Será assegurada ao aluno com frequência insuficiente a reposição dos conteúdos curriculares, ao longo do ano letivo, no horário destinado aos projetos de enriquecimento curricular, também aos alunos que apresentarem dificuldades mais acentuadas serão atendidos dentro do horário destinado aos projetos de enriquecimento curricular, caracterizando a recuperação paralela.

A EMEF Cândido Portinari tem discutido, em suas reuniões pedagógicas, a questão curricular da EJA com ênfase no desenvolvimento humano dos sujeitos no processo educativo. Levando-se em conta a pluralidade de possibilidades de curricular, com o projeto piloto acima exposto em nossa unidade escolar, a nossa proposta consiste em inovar de forma criativa o atendimento à EJA.

4. Memórias e tradições regionalistas: relato de experiência entre os alunos da EJA I e EJA II em Campinas. Autoras: Noêmia de Carvalho Garrido, doutoranda em Ciências da Cultura – UTAD e Sandra Olegário, mestranda em Educação.  
Local: Campinas, SP  
Público-alvo: educandos/as da EJA.

Relato pelas autoras da experiência realizada na Educação de Jovens e Adultos da EMEF “Padre Domingos Zatti”, em Campinas, onde são professoras. É uma escola Municipal e atende o ensino fundamental nos seguimentos de 1ª a 8ª série regular, a EJA I equivalente ao ensino de 1ª a 4ª série e a EJA II equivalente ao 5º a 8º ano. A relevância do trabalho com os alunos tem como ponto de partida a história de vida que cada um traz para sala de aula, pois é muito rico em diversidade cultural. Essas informações foram sistematizadas e transformadas em conteúdos significativos e interessantes no desenvolvimento dos projetos e planos de aula. Para Paulo Freire: “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. As palavras de Paulo Freire tomam uma grande dimensão no trabalho do educador na EJA.

5. “EJA: novos caminhos para uma escola solidária” e Projeto Educativo de Integração Social (PEIS): espaços de saberes e fazeres de sujeitos da EJA.  
Autores: Andressa Souza, Ezequiel Ribeiro Rocha e Fábio Pereira Nunes.  
Local: Campinas, SP  
Público-alvo: Educandos/as da EJA e estudantes de graduação.

O Projeto Educativo de Integração Social (PEIS) há trinta anos desenvolve atividades com educandos adultos. Atualmente está vinculado à Pró-Reitoria de Extensão Universitária da UNICAMP, realizando as suas atividades aos sábados no Colégio Técnico da UNICAMP – COTUCA. Há turmas de alfabetização, de ensino fundamental e de ensino médio, sendo que cada aula tem duração de uma hora. Tem como objetivo contribuir com a formação de adultos e jovens como cidadãos e a formação de educadores no campo da EJA. Os educadores vêm dos cursos da UNICAMP na condição de bolsistas, para cumprir os estágios de graduação, estudantes de pós-graduação e professores colaboradores. Prioriza o diálogo educador e educando em suas relações, inclusive na construção do conteúdo a ser trabalhado nas atividades. Deste modo, os temas consideram a realidade vivenciada pelos educandos, numa prática interdisciplinar. O conteúdo tem por referência um Tema Gerador, debatido e escolhido em assembleia no início de cada semestre, a qual é denominada de Socialização. As atividades realizadas durante um semestre culminam em um Estudo do Meio, também definido a partir do debate e de uma votação com a participação de todos. Ademais, há que se ressaltar as produções científicas dos educadores do projeto: participação em eventos científicos, Trabalhos de Conclusão de Curso, mestrado e doutorado. Outra importante conquista do PEIS é a continuidade nos estudos em nível superior de educandos que passaram pelo projeto, inclusive retornando ao projeto como educador.

6. Leitura, fala e escrita em classes de EJA: desafios e possibilidades. Autora:  
Erica Bastos da Silva.  
Local: São Paulo, SP.  
Público-alvo: Educandos/as da EJA.

A partir de pesquisas desenvolvidas em classes de alfabetização de adultos, são feitas reflexões sobre o desenvolvimento de trabalhos com leitura e escrita e formulados alguns questionamentos sobre alguns elementos envolvidos nesse processo, como por exemplo, a questão das variantes linguísticas em sala de aula. São apresentadas algumas possibilidades de leitura de variados tipos e gêneros textuais, focando as diferenças existentes entre fala e escrita. Acredita-se que o processo de alfabetização ultrapassa o ato de ensinar a ler e escrever e pode possibilitar ao educando uma nova visão do mundo, auxiliando-o a se formar como cidadão que respeite as diversidades. Isso traz uma perspectiva freiriana de educação ao se pensar no educando como construtor do seu conhecimento, sendo este não

apenas o escolar, mas aquele que toca na essência da formação humana do cidadão. Acredita-se que as reflexões trazidas no texto podem enriquecer o fazer pedagógico dos educadores que se interessam por essa temática de estudo.

7. Projeto Carta. Autoras: Conceição Aparecida de Sales, Genirce de Oliveira Fernandes, Izaura Naomi Yoshioka Martins, Louroama Correa Kido e Maria Cecília Antunes de Oliveira.

Local: Mauá, SP.

Público-alvo: educandos/as, professores/as e coordenadores/as pedagógicos da EJA.

Acreditando que a aproximação com o mundo da escrita para jovens e adultos deve partir de situações reais, prazerosas e significativas, foi proposta uma ação em 2011 com todos os alunos da EJA do 1º Segmento da rede de ensino de Mauá, onde esses puderam (re)construir o conhecimento sobre o gênero carta, bem como vivenciar a comunicação manuscrita tanto ao escrever quanto ao receber uma correspondência pelo Correio, tendo ainda a oportunidade de conhecer o seu interlocutor posteriormente.

Sabe-se que é comum um projeto relacionado ao gênero carta nas escolas, porém o diferencial e inovador desse projeto é que o processo contemplou, ao mesmo tempo, formação sobre produção de texto com os professores e também o trabalho do papel formativo com os Professores Coordenadores Pedagógicos (PCPs). Todo o processo ocorreu da seguinte forma: encontros da equipe de supervisão com os PCPs para formação sobre atividade sequenciada para produção de texto, projeto e planejamento da formação para os professores em reuniões setorizadas. Nesses momentos houve uma interação com os PCPs que precisavam organizar a formação em conjunto e dos segmentos dos professores que elaboraram sequência didática de produção de texto em duplas de escolas diferentes, pois seus alunos iriam trocar as cartas. Ao final desse trabalho houve o encontro dos alunos que se corresponderam juntamente com atividades culturais apresentadas por eles próprios ou de outros talentos da cidade. Foi um grande intercâmbio de formação, de informação, de experiências e de pessoas, envolvendo todos os alunos, professores, PCPs e supervisores da EJA no município de Mauá.

8. “Produção de jornais e livros de poemas na EJA”. Autora: Mara Elizabeth Mansani.

Local: E.M.E.F. Professora Enir da Silva Pilan, Tapiraí-SP

Público-alvo: alunos/as da EJA Termo I e II (alfabetização e continuidade)

Produção de livros de poemas com textos poéticos de autoria dos alunos, explorando temas do cotidiano de jovens e adultos, refletindo e expressando seus sentimentos, idéias e visões de mundo. Os textos são produzidos coletivamente e individualmente a partir de rodas de conversas e de leitores e oficinas de leitura e escrita, tendo como modelos grandes poetas brasileiros, como: Cora Coralina, Otavio Roth, Manuel Bandeira, entre outros.

Produção de jornal pelos alunos explorando temas ligados a saúde, meio ambiente, trabalho e outros temas transversais do universo de jovens e adultos. Os textos são produzidos de forma coletiva e individual a partir de pesquisas de campo, com profissionais da área na Internet, rodas de conversas e de leitores, oficinas de leituras e escritas. Para a produção do jornal são utilizados também recursos tecnológicos como lousa digital, máquinas fotográficas, computador entre outros recursos.

9. Projeto Xadrez “A grande jogada”. Autores: Wellington Moriconi e Rita de Cássia Neres.

Local: Escola Municipal Euclides da Cunha, Guarulhos, SP

Público-alvo: jovens e adultos/as da EJA (Segundo segmento - ciclos III e IV)

O Projeto Xadrez “A grande jogada” tem o objetivo de trabalhar de maneira coletiva, rompendo barreiras e interrelacionando os saberes da EJA, numa proposta que interliga os eixos da proposta curricular da rede municipal de Guarulhos, pautada no Quadro de Saberes Necessários, que destaca a importância do desdobramento dos eixos: corporeidade, relações sociais, identidade, cultura e mundo do trabalho nas práticas pedagógicas da EJA. Na sala de aula, houve um trabalho de sensibilização dos educandos da EJA, através de textos contextualizados, e lhes foi solicitado que trouxessem pedaços de isopor para iniciar a montagem de peças gigantes e o restante do material foi fornecido pela escola. Além disso, para enfatizar questões de desigualdades sociais, raciais, identidade e cultura, foi exibido um curta metragem do site [www.curtanaescola.com.br](http://www.curtanaescola.com.br), que usa como pano de fundo a jogada no tabuleiro de xadrez para desenvolver a história. Entre as etapas relevantes da construção coletiva do tabuleiro gigante estão a união de peças de isopor com uma garrafa plástica para firmar a peça e a pintura com tinta acrílica.

10. Teatro e Jogos para EJA. Autora: Lindinalva Barbosa de Souza

Local: Guarulhos

Público-alvo: arte-educadores/as e educadores/as de EJA.

Arte educadora de teatro da rede municipal de Guarulhos desde 2008 desenvolve oficinas de teatro para a EJA. Nestes quase cinco anos foram desenvolvidas diversas experiências de montagem de espetáculos e performances e o resultado foi positivo para este público. Os temas trabalhados foram: "Escola e mercado: ser humano ou produto?", "Morte e vida Severina", "Espetáculo de Bonecos", "O sonho de Alice", "Recortes de Shakespeare, uma vivencia teatral," gostaria de compartilhar com vocês minha experiência e demonstrar na pratica alguns jogos desenvolvidos com as turmas.

11. FESTCEJA: relato de experiência positiva da EJA. Autora: Andreza Lima.

Local: Escolas municipais – EJA 1º segmento. Barretos, SP

Público alvo: alunos/as da EJA 1º segmento

A Secretaria Municipal de Educação de Barretos vem investindo na Educação de Jovens e Adultos com o intuito de elevar a escolarização dessas pessoas, ampliando o acesso à arte, à cultura e valorizando os seus saberes e fazeres.

Por iniciativa dos professores da EJA 1º segmento das 12 unidades que oferecem a modalidade no município com o total de 378 alunos, no ano de 2011 foi realizado o 1º FESTCEJA – Festival Cultural da Educação de Jovens e Adultos, cujo tema escolhido pelos alunos foi "Cultura Caipira". Durante o semestre os professores trabalharam com o tema escolhido, buscando as origens, ouvindo as suas histórias de vida de cada, pesquisando as canções relativas ao tema, as danças, os costumes, as comidas, enfim tudo que retratava o tema. A culminância desse trabalho foi o 1º FESTCEJA, uma noite cultural para apresentação do trabalho desenvolvido pelos alunos da EJA. Na ocasião, os alunos apresentaram exposições com fotos e objetos pertinentes ao tema, apresentação de músicas e danças, encenações, coral e um jantar com comida típica.

No ano de 2012 o projeto foi realizado no final do 1º semestre com o tema "Anos Dourados", e como no ano anterior o tema foi trabalhado em suas várias vertentes em sala de aula, e a culminância resultou no 2º FESTCEJA, com apresentação de danças, músicas e encenações em um clube da cidade.

O FESTCEJA vem motivando jovens e adultos a serem cidadãos participantes na sociedade em que vivem. A autoestima elevada, a dedicação e a valorização dos

sujeitos são refletidas positivamente no processo de ensino e aprendizagem dessas pessoas.

12. Minhas memórias, minha história mostram quem sou eu. Autoras: Maria Edilma Batista Miranda e Estela Fidelis Rodrigues.

Local: Centro Profissionalizante Padre Léo Commissari, São Bernardo do Campo, SP.

Público-alvo: educandos e educandas da EJA.

Cora Coralina, quem é você?

O presente trabalho se realizou numa sala de MOVA, do período noturno, com 16 educandos e educandas em São Bernardo do Campo (SBC), no ano de 2011. O MOVA em SBC é uma parceria entre poder público e sociedade civil.

O presente projeto é fruto de uma articulação da entidade denominada Padre Léo de SBC, que realiza trabalho com a memória do entorno da comunidade e dos sujeitos envolvidos nesse território. Ao mesmo tempo o MOVA SBC também estava discutindo a relação entre currículo e Memória e Territorialidade, que é um dos eixos do conhecimento. Tudo isso possibilitou à educadora a oportunidade de ser convidada pela entidade para fazer um trabalho integrado com a sala de inclusão digital, que possibilitou aos alunos escreverem um livro das suas memórias.

Os educandos quando chegam à sala de aula, trazem suas histórias de vida, este é o ponto de partida deste projeto, que busca a valorização do conhecimento construído ao longo das vivências dos educandos. Trabalhando as histórias coletivas e individuais, pauta-se na relação sujeito, sociedade e espaço.

O Eixo Memória e Territorialidade possibilita pensar as dimensões da vida articulando e relacionando diversos conhecimentos, como: linguagens e códigos, ciências da sociedade e da natureza. E, ainda, valorizar a história de vida do educando, o seu dia a dia, usando o seu conhecimento como fonte de motivação.

A dinâmica do trabalho compreende os seguintes momentos:

1º momento: Roda de conversa para conhecer a origem dos educandos

2º momento: No laboratório de informática, os educandos realizaram uma atividade de leitura e escrita

3º momentos: Áreas do conhecimento: Linguagem: oralidade, escrita e leitura: textos biográficos, parlendas, linha da vida, texto lacunado, escrita e revisão; Arte: recorte e colagem, jogos, dinâmicas, arte cênica; matemática: situações problema, gráficos; história: regiões, músicas, cantigas regionais.

Recursos: laboratório de informática, revistas, filmagens, peças teatrais, depoimentos grafados e filmados; filme: “Acorda Raimundo”, jogos interativos, dinâmicas de grupo.

Produto Final: Edição do livro: A mineirinha e outras histórias. Editora- Lamparina Luminosa.

O livro teve o prefácio escrito por Frei Beto e o lançamento foi na Câmara de Cultura de São Bernardo do Campo, com mostra de fotos dos educandos e educandas na ABRA Santo André.

Os livros estão à venda na livraria Alpharrabio em Santo André.

### 13. As deliciosas lições da alimentação. Autora: Danielle Gonçalves Rabello.

Local: MOVA – Andorinhas

Público alvo: Alfabetizando/as do Mova

Considerando a alimentação como uma das questões fundamentais para o bem-estar do educando e seu aprendizado, o levantamento deste delicioso assunto resgatou a riqueza da tradição culinária, a ciência e a cultura pertinentes ao tema. Por meio de uma linguagem acessível, ilustrações, rimas e até música, foi possível viajar por todo o país ao sabor literal dos seus costumes alimentares, regionalismos e histórias. Entre os objetivos do projeto, foi possível desenvolver no educando em processo de alfabetização a capacidade de atribuir sentido ao texto, de ir além dos alimentos e da música por meio do repertório regional e cultural brasileiro. Os educandos do MOVA puderam perceber ou reconhecer nas regiões os aspectos culturais do Brasil e assimilar as influências das culturas cujos hábitos alimentares, muitas vezes, não são muito saudáveis. Por fim, o projeto ajudou a preservar as receitas que tanto participaram da evolução da nossa história. Esse trabalho com pratos típicos permitiu a utilização de livros que revelam a diversidade da culinária brasileira, trazendo uma linguagem composta por rimas e desenhos, na qual os educandos conheceram as características e os hábitos gastronômicos do nosso país.

### 14. Discussão sobre leis e o respeito. Autora: Elen Rosana Ferrato.

Local: Presidente Prudente, SP

Público-alvo: educandos e educandas de EJA.

No decorrer das aulas houve uma situação que me chamou a atenção a qual aqui discorro:

Na apresentação da matéria de ciências em sala de aula, iniciei falando da importância da vida e do respeito para com esta e que, no decorrer das aulas, iríamos procurar entender as plantas, os animais e os fenômenos e, ainda, dentro do grupo dos animais citei, também, o ser humano, e o respeito que devíamos ter uns para com os outros. Nesse momento este que, fui interrompida por um aluno de nome Aristeu, homem idoso, de pouca letra, muita vivência e interessado em aprender ciências.

Sr. Aristeu levantou a questão do respeito entre o homem e a mulher e me disse ser inconformado com a Lei Maria da Penha, que, na opinião de Aristeu, a situação de violência contra as mulheres agravou-se mais. Disse ainda que as mulheres deveriam obedecer aos homens, e que algumas delas não obedeciam seus maridos e por isso as coisas estavam tão ruins, pois o homem não podia mais corrigir seus filhos e nem suas mulheres...e esta Lei tirou o direito dos maridos.... e perguntou-me se eu não concordava com ele....

Naquele momento, confesso fiquei estarelecida, porém entendi o momento do Brasil no qual seu Aristeu havia crescido e formado sua opinião e que não teve chance de alguém esclarecê-lo sobre algo tão grave.

Sem entrar em polêmica com o aluno falei da lei do divórcio para resolver as questões entre casais que não compartilhavam de tolerância entre si, porém todos na turma quiseram dar sua opinião e surgiu um debate interessantíssimo e muito proveitoso para ambas as partes tanto ele colocou o ponto de vista dele quanto ouviu a opinião feminina dentro da classe que é a maioria.

Foi muito enriquecedor tal debate.

### **C. Formação do educador**

1. O coordenador de turma e os alfabetizadores do Programa Salvador, cidade das letras, como formadores de alfabetizadores: construção de uma comunidade colaborativa de aprendizagem. Autora: Anuska Andréia de Sousa Silva  
Local: Salvador – Bahia  
Público-alvo: Estudantes de Pedagogia; alfabetizadores/as populares; professores/as, coordenadores/as pedagógicos, vice-diretores/as e diretores/as de Educação de Jovens e Adultos; coordenadores/as de turma do Brasil Alfabetizado; gestores/as locais do Brasil Alfabetizado.

O Programa Salvador, Cidade das Letras / Brasil Alfabetizado, vinculado à Coordenadoria de Ensino e Apoio Pedagógico (CENAP) da Secretaria Municipal de

Educação, Cultura, Esporte e Lazer (SECULT), da cidade do Salvador, desde a etapa 2010, exercício 2011, implantou a ideia de formação continuada. Essa experiência é relatada no Relatório Final “Formação Continuada de Professores: uma análise das modalidades e das práticas em estados e municípios brasileiro, realizado pela Fundação Carlos Chagas”, publicado em julho de 2011. Segundo os estudos desse documento, uma das tendências sobre Formação Continuada de docentes é a criação de uma comunidade colaborativa de aprendizagem. Partindo dessa concepção, semanalmente o programa reúne os coordenadores de turma para planejar a formação continuada dos alfabetizadores. São dois dias de encontro. O primeiro é destinado para alinhar questões conceituais e o segundo encontro é reservado para planejar as atividades que serão desenvolvidas no dia da formação continuada de alfabetizadores. O interessante dessa experiência é a possibilidade dos coordenadores de turma ministrar a formação dos seus próprios alfabetizadores. Vale ressaltar que eles se organizam em pólos e tem a possibilidade de se socializarem com seus pares e trocarem experiências exitosas. Outra característica em destaque é a participação do alfabetizador também como formador de seus pares.

2. A importância da formação continuada para os alfabetizadores do Programa Salvador, cidade das letras. Autoras: Noliene Silva Oliveira e Ailda Damasceno de Jesus.

Local: Salvador, BA

Público-alvo: educadores/as da EJA.

A educação é um processo político, dinâmico e contínuo elaborado pelos sujeitos sociais multifacetados e culturalmente plurais. Neste constante processo de transformação, as ações do homem sobre o mundo são de construção, resignificação e reconstrução do conhecimento, refletindo sobre o processo, criando novas significações. O presente trabalho propõe-se, especialmente, a efetuar reflexões sobre o lugar e o sentido da Formação Continuada para Alfabetizadores Populares (FCA) do Programa Salvador Cidade das Letras (PSCL) inserido no Programa Brasil Alfabetizado (PBA), que ocorre em Salvador, BA, cujo foco pauta-se na formação e prática de educadores para a inclusão de alfabetizandos no Segmento de Educação de Jovens e Adultos I (SEJA I). Essa formação é uma fonte permanente de informações necessárias para que educadores possam interagir com mais dinamicidade, sinalizando possibilidades de novas intervenções nos fazeres pedagógico. Procurou-se deslindar e identificar elementos relevantes para a compreensão desse processo formativo de modo dialógico.

3. Ensino Superior como modalidade de EJA? Relato de experiência sobre o ensino de Metodologia da Pesquisa Científica voltado para as classes populares. Autor: Jonas Medeiros.

Local: Faculdade Paschoal Dantas, São Paulo-SP.

Público-alvo: alunos/as de graduação em Pedagogia.

O que justifica relatar em um Fórum de EJA a experiência do ensino de Metodologia da Pesquisa Científica em uma graduação em Pedagogia de uma faculdade privada localizada na periferia da Zona Leste da cidade de São Paulo? Para mim, trata-se do processo contraditório de expansão das universidades particulares, que inclui jovens e adultos das classes populares no Ensino Superior como consumidores, mas sem antes ter garantido o seu direito de acesso a uma educação pública de qualidade enquanto cidadãos. O relato se dará em duas vertentes. (1) Na superfície, as *dificuldades* se relacionam à distância existente entre as variedades linguísticas popular e acadêmica; contudo, para além do difícil trato com a linguagem acadêmica – vocabulário especializado, objetividade e impessoalidade, regras de citação para evitar plágios, etc. – passei a me orientar pela hipótese de trabalho de que as maiores dificuldades não se encontram no plano linguístico, mas sim no cognitivo, uma vez que o procedimento científico opera por meio da ruptura com o senso comum, o que exige uma relativização do conhecimento imediato e uma passagem do concreto ao abstrato e vice-versa. (2) Assim, passei a considerar que os maiores *desafios* para o ensino da Metodologia Científica não se encontravam na esfera do puro formalismo (as dificuldades linguísticas) nem na da produção de conteúdos (produção de conhecimento científico original e relevante), mas sim na aprendizagem de habilidades formais que são pressupostas para a pesquisa: compreender a especificidade da leitura e escrita de textos científicos e a aquisição de uma “competência científica” (ou: “letramento científico”).

4. Programa Saberes em Rede: formação de professores-coordenadores pedagógicos. Autoras: Carla Maio, Eliana Silva, Luciane de Oliveira, Maria Angélica Cajá e Patrícia Fernandes.

Local: Guarulhos, SP

Público-alvo: Professores-coordenadores/as pedagógicos que atuam nas escolas da prefeitura de Guarulhos que ofertam a modalidade Educação de Jovens e Adultos.

O Programa Saberes em Rede – formação de professores-coordenadores pedagógicos tem como objetivo oferecer suporte à ação desses profissionais da educação, enquanto mediadores das práticas pedagógicas que perpassam o cotidiano escolar. As escolas da Prefeitura de Guarulhos que ofertam a modalidade Educação de Jovens e Adultos passaram a contar, a partir de 2011, com coordenadores pedagógicos que atuam especificamente com professores e alunos da EJA, o que exigiu por parte da Secretaria de Educação a adoção de metas e ações específicas para fortalecer e subsidiar esses profissionais diante dos desafios e especificidades que a EJA demanda. A proposta curricular do município, alcunhada como Quadro de Saberes Necessários, reafirma a concepção da modalidade, pautando-se no fomento de políticas e estratégias educacionais que considerem os ciclos de vida e as experiências de cada educando. Nesse contexto, as formações semanais ofertam tanto o embasamento teórico necessário à compreensão das especificidades da modalidade, quanto à reflexão sobre a ação pedagógica, através de estudos de caso que relacionam teoria e prática e contribuem para a superação dos desafios e busca de novas estratégias.

5. Analfabetismo e Alfabetização: representações de professoras alfabetizadoras de camponeses quilombolas jovens e adultos. Autora: Maria Reneude de Sá.  
Local: Comunidade Quilombola de Muquém, União dos Palmares, Al.  
Público-alvo: educadores e educadoras de EJA.

Este trabalho constitui-se na minha tese de doutorado, defendida na PUC/SP, em junho de 2012, na qual desenvolvi um estudo sobre o analfabetismo no Brasil por meio da análise de representações de professoras-alfabetizadoras de camponeses quilombolas jovens e adultos, relacionando-as ao contexto socioeconômico e cultural e à formação docente. Para isso, adotei uma metodologia qualitativa com investigação etnográfica, realizada na comunidade quilombola de Muquém, localizada no município de União dos Palmares, no Estado de Alagoas. Os resultados apontaram, na construção das representações das professoras sobre alfabetização e analfabetismo, fragmentos de conhecimentos formais adquiridos, provavelmente, em ações de formação docente, em leituras de material específico da área, como o livro didático utilizado nas classes de alfabetização, entre outros; crenças sedimentadas no imaginário coletivo sobre o analfabetismo e a alfabetização; saberes desenvolvidos em e sobre sua própria prática pedagógica no exercício da alfabetização; troca de experiências com seus pares em diversas situações, entre outras fontes de

conhecimento. Por meio de suas representações, as professoras buscam explicações e justificativas que respondam a suas inquietações em sala de aula. Ora essas representações evidenciam o ocultamento de questões relacionadas à prática docente, que podem estar contribuindo para o problema do analfabetismo, ora anunciam possibilidades de mudança. Entre as considerações conclusivas, o estudo aponta a importância de se priorizar, nas ações de formação docente, a reflexão crítica sobre a prática, possibilitando aos professores compreenderem e reverem suas concepções ou representações e reorientarem suas práticas pedagógicas.

6. EJA: novos caminhos para uma escola. Autora: Edite Maria da Silva de Faria.

Local: Escola Estadual Almir Passos/ Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Conceição do Coité, BA.

Público-alvo: educadores/as da EJA e graduandos/as do curso de Letras.

A experiência ocorre numa escola pública do interior da Bahia, precisamente no município de Conceição do Coité pertencente ao Território do Sisal, com os alunos e professores da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Escola Estadual Almir Passos e graduandos do curso de Letras Vernáculas do Departamento de Educação Campus XIV, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). A proposta mobiliza os gestores, professores e alunos, para desenvolverem ações na escola, universidade e também com a comunidade próxima ao seu entorno. A experiência é riquíssima e exitosa porque se baseia nos princípios da solidariedade e apoio mútuo, usando para isso os recursos tecnológicos. A escola dispõe de uma sala equipada com dez computadores e TV. Com o objetivo de superar os entraves e dificuldades, as ações e atividades de leitura e produção textual com a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação em turmas de EJA do nível Fundamental II são planejadas e materializadas com a participação ativa de todos. Elas são sempre planejadas e desenvolvidas, através do uso da televisão, computadores, rádio, câmera de vídeo, máquinas fotográficas e celulares. Nos depoimentos dos alunos e professores de EJA da escola onde o projeto está vinculado, fica evidente a relevância de todo o trabalho desenvolvido. Eles destacam como aspectos importantes: a diminuição significativa da evasão escolar (o abandono) nas classes de EJA, a participação mais ativa de todos que estão entre os muros da escola e o estabelecimento de elos entre a escola e a Universidade.

7. A compreensão do processo de aprendizagem a partir de uma situação-problema (por Carolina Albala Joffily Costa, Edir Borges da Silva, Eliná da Silva Hengles, Erica Falconi, Janice Silvia da Silva, Lucineide Ferreira dos Santos e Marli Miranda da Cruz)

Uma das características latentes no estudante da EJA é de sujeito ao qual uma série de direitos foi negada, tanto no decorrer de sua vida escolar quanto na vida social. Ao ingressar no ensino formal, este estudante encontra dificuldades em se perceber como cidadão de direitos. Na EJA, é papel dos educadores construir junto aos estudantes um currículo libertador, que dê significação às vivências do educando, contribuindo para o seu empoderamento a partir de práticas escolares cotidianas norteadas por uma concepção na qual o estudante é sujeito do processo de aprendizagem.

O tema desta exposição é o relato de uma destas vivências na E.M. Jatobá, na qual observou-se a necessidade de apresentar ao estudante uma situação-problema que desencadeasse um momento de reflexão e ação num processo dialético: cinco turmas da EJA foram reunidas em dois grupos; enquanto a um grupo foi distribuído fragmento do texto O ato de estudar (in Freire, Paulo. A importância do ato de ler em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989) com a proposta de que, em duplas, os estudantes continuassem a história, dando uma solução à situação-problema exposta ali, o outro grupo foi reunido no pátio da escola, onde foi montado um pomar no qual havia regras para a “colheita de frutas” e objetos diversos espalhados pelo chão. As práticas foram revezadas entre os dois grupos. Por fim, houve apresentação de vídeo (Rubem Alves. Aprender a aprender) e discussão acerca das experiências, que culminou na reflexão por parte do educando sobre seu constante processo de aprendizagem.

#### **D. Fronteiras do direito à educação de adultos**

1. Inclusão escolar: um processo que pode ser esclarecido pela ótica da psicanálise. Autora: Sandra Correa de Souza  
Local: Faculdade de Educação da USP  
Público-alvo: Professores/as, Diretores/as, Coordenadores/as, Alunos/as, de escola da rede pública e privada, Pedagogos/as, Psicólogos/as, Sociólogos/as e profissionais de outras áreas que tiver interesse.

É necessário transformar nossa mentalidade no que diz respeito à inclusão escolar, pois o aluno com ou sem deficiência deve ser entendido pelo seu potencial, e devemos levar em consideração a individualidade de cada um para respeitarmos o todo. Dessa forma, a inclusão escolar vai muito além de matrículas, não tendo que ser limitada apenas ao cumprimento de leis. A inclusão e o ensino especial têm sido mal compreendidos pelas escolas, precisando se organizar por uma nova ótica. Hoje, ainda, em muitas instituições educacionais a inclusão é vista como forma de ajudar as pessoas com necessidades especiais, porém é muito mais que isso, ela tem como último objetivo incluir e valorizar os diferentes ritmos de ensino aprendizagem, enquanto troca mútua, potencializando as diferentes habilidades que cada aluno carrega afetivamente de forma diferente para construção do conhecimento a partir de suas respectivas aptidões e desejos de aprender. A escola é uma instituição de origem importante para tal transformação, permitindo uma construção do conhecimento diferenciada, para uma nova ótica social, caso não se atente para esse fato a educação inclusiva, apesar de ser exigida por lei, na realidade não passará de um sonho. O profissional de educação tem que estar preparado para mudanças, buscando novos conceitos e valores, respeitando as diferenças de todos os alunos sem exceção e desejando o verdadeiro processo de ensino e aprendizagem como uma troca mútua acima de tudo.

2. Privados de Liberdade. Autores: Cláudio Marcelo de Lima Cabral e equipe de educação

Local: Centro de Detenção Provisória de Diadema

Público-alvo: alunos/as privados/as de liberdade

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação reza que a Educação de Jovens e Adultos é um direito de cidadania e um dever do Estado. A Constituição Federal traz no artigo 5º os direitos e garantias fundamentais, dentre os quais o direito a exercer as atividades intelectuais, artísticas, profissionais e desportivas que já exercia antes da prisão, desde que compatíveis com a correta execução da pena. Desse modo, o preso tem direito à educação formal e não formal.

As prisões têm como características relações sociais promotoras de violência e despersonalização dos indivíduos. As rotinas dos indivíduos privados de liberdade ainda demonstram contradições entre a teoria e a prática. Ainda resta muito a se fazer em políticas públicas penitenciárias visando à reinserção social dos indivíduos presos.

A natureza do ser centra as suas ações a partir de sua consciência; essas ações nascem da prática reflexiva.

A partir desses conceitos desenvolvemos a Educação de Jovens e Adultos nesse presídio, com a crença de que a educação deve ser uma política de transformação humana, inserindo em nosso exercício pedagógico a criação coletiva (folhetos, pôsteres e uma revista) em cordel, música, comunicação e expressão e teatro, mediante relação parceira com arte-educadores patrocinados pela Secretaria de Cultura do município de Diadema.

No contexto curricular, portanto, as Oficinas Culturais tratam da educação no presídio buscando a confluência freiriana da política, da teoria e da prática numa perspectiva crítico-transformadora de intervenção na realidade; e remeta o preso ao comprometimento com o ajustamento social à realidade extramuros. A condição do aluno preso é temporária.

### 3. Centro Educacional Caminho Novo. Autora: Cheila Vargas

Local: São Paulo

Público-alvo: homens em situação de rua

O Centro Educacional Caminho Novo, de Educação de Jovens e Adultos, sob a responsabilidade da Associação Pela Família, desenvolve-se no Arsenal da Esperança, casa que atende homens em situação de rua. Os acolhidos são pessoas excluídas da educação formal e em estado de completa vulnerabilidade social. Numa perspectiva conscientizadora da educação, buscamos intervir nessa realidade injusta, possibilitando aos nossos educandos a retomada do seu potencial, o desenvolvimento das suas habilidades, a confirmação das competências adquiridas na educação extra-curricular e na vida. Empenhamo-nos em propiciar-lhes um nível profissional mais qualificado, incentivando-os a perseverar na sua formação, do letramento ao exercício coerente da redação, da leitura, da capacidade de calcular e resolver problemas. Ao longo dos nossos oito anos de existência, procuramos trazer à tona conteúdos e experiências de vida e a partir daí criar estratégias particularizadas, tendo como ponto de partida as motivações e expectativas dos educandos. O programa que desenvolvemos vem abrindo caminhos para o acesso a cursos profissionalizantes, a reinserção no mercado de trabalho, a aprovação em exames para o Ensino Fundamental e para o ENEM. A socialização dos educandos e a elevação da sua auto-estima são resultados muito gratificantes para os educadores envolvidos. Esperamos estar contribuindo para a criação de alternativas de inclusão, condição necessária na busca de uma sociedade mais justa.

4. Só desperta paixão de aprender, quem tem paixão de ensinar (Inclusão na EJA). Autora: Salete Elias da Silva Castro.

Local: Centro de Educação Popular Paulo Freire, Lins, SP.

Público-alvo: educadores e educadoras de EJA.

O Centro de Educação Popular Paulo Freire, inaugurado no dia 24 de abril de 2003, com a presença de Lutgardes Freire, filho do educador Paulo Freire, o mentor da educação para a consciência. O mais célebre educador brasileiro, autor da pedagogia do oprimido, defendia como objetivo da escola ensinar o aluno a "ler o mundo" para poder transformá-lo

A história do C.E.P. "Paulo Freire" está alicerçada com muito trabalho e tem rompido muitos obstáculos e quebrando paradigmas, sempre com a certeza do caminhar para a mudança do olhar de toda uma sociedade. É uma escola que não nega o passado e nem mesmo as pessoas que fizeram parte dele. Em sua Proposta Pedagógica a escola mantém como eixo de sua pedagogia as raízes filosóficas do ideário popular e freiriano.

Buscamos criar uma escola que é aventura, que marcha que não tem medo da luta, por isso recusa o imobilismo. Uma escola que apaixonadamente diz sim à vida. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito.

Uma escola definitivamente, portal de partida e de chegada para uma realidade menos cruel e uma sociedade mais justa para os jovens, adultos e idosos que a nós confiarem seu recaminho por uma escolarização efetivamente comprometida com o crescimento individual e o bem comum.

